



Revista Brasileira de Sociologia
ISSN: 2317-8507
ISSN: 2318-0544
revbrasilsociologia@gmail.com
Sociedade Brasileira de Sociologia
Brasil

Silva, Lucélia de Almeida; Müller, Fernanda
A construção social do tempo no cotidiano de bebês na família e na creche
Revista Brasileira de Sociologia, vol. 5, núm. 9, 2017, -, pp. 87-112
Sociedade Brasileira de Sociologia
Brasil

DOI: <https://doi.org/10.20336/rbs.192>

Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=595764503005>

- ▶ Como citar este artigo
- ▶ Número completo
- ▶ Mais informações do artigo
- ▶ Site da revista em redalyc.org

UAEM redalyc.org

Sistema de Informação Científica Redalyc
Rede de Revistas Científicas da América Latina e do Caribe, Espanha e Portugal
Sem fins lucrativos acadêmica projeto, desenvolvido no âmbito da iniciativa
acesso aberto

A construção social do tempo no cotidiano de bebês na família e na creche

Lucélia de Almeida Silva*

Fernanda Müller**

RESUMO

O objetivo do artigo é analisar o uso do tempo de dois bebês no contexto familiar e em uma creche pública. Para a geração de dados foi utilizado o Diário de Uso do Tempo e entrevistas com as mães dos bebês. Dentre as atividades cotidianas dos bebês, elegemos o sono para análise e recorremos ao quadro conceitual de Erving Goffman. Ao compararmos o uso do tempo de ambos os bebês nos diferentes contextos observamos que o sono, mais que uma necessidade biológica, também é socialmente regulado por rotinas e rituais que configuram o *ethos* da situação social. Em casa a organização do tempo seguiu tanto as necessidades do bebê quanto a organização social da família. Na creche houve uma estruturação mais rígida do tempo.

Palavras-chave: primeira infância; educação infantil; tempo.

* Mestre em Educação pela Universidade de Brasília. Técnica de Gestão Educacional na Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal.

** Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Brasília.

ABSTRACT

THE SOCIAL CONSTRUCTION OF TIME IN CHILDREN'S DAILY ROUTINE IN THE FAMILY AND IN THE DAYCARE CENTER

This article analyzes the use of time of two babies in the family context and in a government-run day care center. Time Use Diary and interviews with the babies' mothers were used for data generation. From among the babies' daily activities, we chose sleep for analysis using the conceptual framework of Erving Goffman. When we compared the use of time of both babies in their different contexts we observed that sleep, more than a biological need, is also socially regulated by routines and rituals that configure the ethos of social situation. At home the organization of time followed both the babies's needs and the families social organization. In the daycare center there was a more rigid structure of time.

Key words: early childhood; early childhood education; time.

Introdução

O presente trabalho realiza uma ampla revisão de literatura sobre o uso do tempo de crianças para demonstrar a necessidade de estudos específicos sobre bebês, ainda pouco expandidos em comparação com a quantidade de pesquisas desenvolvidas sobre/com crianças maiores. Assim, o trabalho pretende superar uma lacuna de pesquisa ao analisar o uso do tempo de dois bebês, de 11 e 18 meses respectivamente, em atividades relacionadas ao sono. Pretendemos comparar e contrastar o uso do tempo de bebês tanto no contexto familiar como no da creche, de modo a analisar o cotidiano tanto em um dia de semana como no final de semana. Propomos uma interconexão dos estudos sobre o uso do tempo e sobre o cotidiano de bebês para tratar uma temática que ainda merece atenção no campo sociológico.

Um conjunto de pesquisas internacionais tem destacado a importância de estudos sobre o uso do tempo. Minkoff e Riley (2011) afirmam que esse tipo de estudo permite compreender o cotidiano, o que os indivíduos fazem com o seu tempo e as suas razões, bem como investigar a experiência subjetiva dos acontecimentos. Segundo Craig

(2014, p. 471), trata-se de “uma janela para a vida diária que mostra todas as coisas que as pessoas realmente fazem”. A autora ainda afirma que é essencial analisar a forma como as pessoas gastam o tempo para compreender como as suas vidas são vividas.

Muitos estudos sobre o uso do tempo se baseiam em grandes amostragens nacionais e internacionais que permitem análises comparativas entre países sobre as configurações atuais no dia a dia dos indivíduos. Todavia, tais estudos são preponderantemente conduzidos com a população adulta e se voltam para temas tais como o trabalho, os cuidados com crianças e idosos, assim como para diferenças de gênero. O Brasil ainda não tem tradição em pesquisas de grande porte sobre o uso do tempo, o que é explicado por Aguiar (2010, p. 64): “a experiência brasileira com diários tem um caráter localizado e as perguntas sobre uso do tempo, apresentadas em um contexto nacional, referem-se a um número restrito de atividades”.

A revisão de literatura (LARSON; VERMA, 1999; BEN-ARIEH; OFIR, 2002; VOGLER; MORROW; WOODHEAD, 2009; CRAIG, 2014) indica a necessidade de ampliação de investigações sobre o uso do tempo de crianças pequenas, principalmente de bebês. De acordo com Craig (2014, p. 47), esse tipo de estudo aplicado à vida de crianças “pode oferecer uma medida objetiva do que as crianças fazem, onde fazem e com quem”, o que se alinha a nossa proposta de investigação, já que defendemos a necessidade de uma compreensão mais detalhada do mundo social de bebês.

Destacamos algumas pesquisas realizadas com crianças maiores, a partir de seus próprios pontos de vista. Carvalho e Machado (2006) analisaram o uso discricionário do tempo em relação à classe social e gênero de crianças brasileiras entre nove e 12 anos de idade. Segundo as autoras, classe social e gênero influenciam decisivamente o uso do tempo das crianças. Teixeira e Cruz (2006) conduziram um estudo comparativo a partir de duas bases de dados sobre as atividades de crianças portuguesas de oito a 10 anos, entre os anos de 1999 a 2006, tentando captar as mudanças no uso do tempo. Nesse estudo, a escola apareceu como organizadora social das rotinas das crianças, fazendo

com que os tempos das atividades em que as crianças se envolvessem fossem homogêneos. Já os estudos de Christensen e James (2008) foram realizados com crianças de 10 anos de idade de zonas urbanas e rurais da Inglaterra. A pesquisa considerou diversos aspectos do uso do tempo na casa e na escola, e as crianças se mostraram competentes para representar as suas próprias experiências diárias individuais e sociais. Por fim, Minkoff e Riley (2011) investigaram se crianças de seis e sete anos, do norte de Israel, eram capazes de compreender o tempo em termos de ritmo e temporalidade. Os resultados mostram que, apesar da dificuldade em compreender o tempo de forma convencional, i.e. no relógio e no calendário, as crianças descreveram de forma apropriada suas rotinas diárias por meio de desenhos.

Além dos estudos já mencionados, destacamos também a coletânea “O tempo no cotidiano infantil: perspectivas de pesquisa e estudo de casos”, organizada por Bondioli (2004), que buscou evidenciar as “qualidades das sequências temporais dos eventos do dia-a-dia das crianças” (FAEDI, 2004, p. 12), e analisar o tempo preponderantemente no contexto da creche. Os capítulos da coletânea descrevem o cotidiano de crianças na Educação Infantil por meio de um diário e analisam os dados a partir de diferentes aspectos, como gestão do tempo e fluxo de atividades.

Este artigo explora a relação entre os níveis macro e micro para responder às suas questões de pesquisa, ou seja, busca “escolher o instrumento de análise mais adequado ao problema de pesquisa que o desafia e às possibilidades empíricas do campo de investigação em que se coloca” (BRANDÃO, 2001, p. 164). Ao mesmo tempo em que não se desvincula da estrutura social ao tratar de uma das suas principais categorias, o tempo¹, igualmente analisa o sono como uma si-

1 Evans-Pritchard apresentou uma análise estrutural da sociedade Nuer ao tratar das categorias tempo e espaço. O autor afirma que todo o tempo é estrutural, já que a partir de um ponto “cessam de ser determinados por fatores ecológicos e tornam-se mais determinados pelas inter-relações estruturais, não sendo mais um reflexo da dependência do homem da natureza, mas um reflexo da interação de grupos sociais” (EVANS-PRITCHARD, 1978, p. 118).

tuação social (GOFFMAN, 2010). O artigo apresenta uma combinação de métodos para a geração de dados, quais sejam: Diário do Uso do Tempo, observações complementares na creche, e entrevistas conduzidas com mães, com o objetivo de promover uma análise qualitativa dos dados.

O artigo é organizado em três seções, seguidas de uma quarta, que o conclui. A primeira seção explora as interconexões do tempo e das principais instituições sociais contemporâneas da vida de bebês, ou seja, a família e a creche. A segunda seção apresenta o desenho metodológico que elaboramos para tratar do objeto de estudo, assim como os instrumentos aos quais recorreremos para gerar os dados, considerando as mães como coprodutoras destes. Já a terceira seção apresenta a discussão dos resultados da pesquisa com o apoio de conceitos de Goffman; nesta seção o sono dos bebês será amplamente abordado, tanto na família como na creche. Por fim, são expostas algumas considerações finais, com o objetivo de destacar os principais pontos desenvolvidos no artigo.

Tempos, família e creche

De acordo com Kohan (2004), os gregos utilizavam três palavras diferentes ao referirem-se ao tempo, quais sejam: *Chrónos*, *Kairós* e *Aión*. Explica o autor:

chrónos designa a continuidade do tempo sucessivo [...]. *Kairós*, que significa ‘medida’, ‘proporção’, e, em relação com o tempo, ‘momento crítico’, ‘temporada’, oportunidade [...]. E *Aión* que designa, já em seus usos mais antigos, a intensidade do tempo da vida humana, um destino, uma duração, uma temporalidade não numerável nem sucessiva, intensiva (KOHAN, 2004, p. 54).

Assim, o tempo não se concretiza de maneira uniforme em todas as esferas da vida. *Chrónos* significa a rigorosidade de um movimento sucessivo e lógico do mundo real; já *Kairós* expressa a medida; en-

quanto *Aión* encontra-se no campo das ideias e das experiências sem corresponder a uma determinada sequência. Nesse sentido, retomando Heráclito, Kennedy e Kohan (2008) associam o tempo da criança à *Aión*, enquanto o tempo do adulto estaria mais relacionado a *Chrónos*.

Kennedy e Kohan (2008) argumentam que o tempo de vida não é apenas uma questão de movimento numerado, mas também uma forma de experimentar a própria vida. Por se tratar de experiência, as crianças são os seres que mais experimentam, ousam, inventam, criam hipóteses, detendo assim o poder de utilizar o tempo para além da rigidez marcada no relógio. A partir desse olhar a infância poderia não ser contabilizada como um período de tempo, como uma série linear de uma idade a outra, mas como a vivência do tempo não cronológico – *Aión* –, que valoriza a intensidade de duração e apresenta “uma possibilidade, uma força, uma intensidade [...] e não, como geralmente se pensa, uma ausência de poder, mas um modo singular de praticar o poder” (KENNEDY; KOHAN, 2008, p. 7).

Podemos afirmar que crianças vivem o tempo de maneira diferente dos adultos, logo, elas também atribuem ao tempo um sentido diferente. Como exemplo, retomamos a pesquisa de Christensen (2002), com crianças de 10 e 11 anos na Inglaterra, que explorou o que significava a qualidade de tempo familiar para as crianças. A autora afirma que a qualidade de tempo descrita pelas crianças tem relação com a importância do conteúdo e do contexto em que este transcorre, isto é, “as noções de tempo para as crianças estão situadas nos processos por meio dos quais a família, a escola e a vida profissional ocorrem em uma base diária” (CHRISTENSEN, 2002, p. 87). Nesse sentido, as crianças não compartimentam o tempo e o espaço como fazem os adultos, mas indicam que a qualidade de seu tempo é uma experiência contínua de *Aión* no dia a dia.

Analizamos o tempo tanto na casa dos bebês quanto na creche, já que ambas são contemporaneamente legitimadas enquanto instituições sociais de cuidado e de educação de crianças pequenas. Berger e Luckmann (2003) mostram uma maneira de ver a sociedade e analisam o conhecimento que dirige a conduta da vida cotidiana. A vida

cotidiana conta com as instituições, que por sua vez, dependem de legitimação para se manterem ao longo do tempo. Neste caso, a legitimação explica a ordem institucional, dando validade cognoscitiva a seus significados objetivados e, ao mesmo tempo, a justifica. Portanto, instituições, nos termos dos autores, são padrões cristalizados na estrutura social. Mais do que isto, esta legitimação encontra lugar no universo simbólico, que é a “matriz de todos os significados socialmente objetivados e subjetivamente reais” (BERGER; LUCKMANN, 2003, p. 132).

Corsaro (2011, p. 38) explica que as instituições “existem como estruturas estáveis, mas em mudança, nas quais as crianças tecerão suas teias”. O autor se refere aqui ao modelo de teia orbital, por ele construído, que posiciona a família no centro, já que mediará a relação da criança com as outras instituições sociais, dentre elas, a creche. A família, então, é o ponto de partida das relações dos bebês com o resto do mundo. Igualmente, Nunes (2003) afirma que a integração da criança na sociedade inicialmente é feita em nível micro, sendo em geral, no grupo familiar mais próximo.

Já a creche, dadas as configurações sociais contemporâneas, é a instituição social que partilha com as famílias os cuidados e a educação de crianças de quatro ou seis meses² a três anos de idade. No cenário brasileiro, as creches têm conquistado grande importância ao compararmos o atendimento ao longo de uma década. Se em 2001 o atendimento de crianças de 0 a 3 anos em creches era de 13,8%, passou a ser 27,9% em 2013 (OBSERVATÓRIO DO PNE, 2015).

A opção de conduzir a pesquisa no contexto da creche e da família explica-se pela necessidade de conhecer o uso do tempo dos bebês de uma forma integral, não apenas associando o bebê ao papel de filho que integra a dinâmica familiar, nem ao ofício de “aluno” (PER-

2 O ingresso da criança à creche está diretamente relacionado ao tempo de licença-maternidade. De acordo com o Art. 392 da Consolidação das Leis do Trabalho (CLT, 1943), mulheres trabalhadoras têm direito à licença-maternidade de 120 dias, sem prejuízo do emprego e do salário. (Redação dada pela Lei nº 10.421, 15.4.2002). Já a licença-maternidade de servidoras públicas compreende 180 dias.

RENOUD, 1995; SARMENTO, 2000; SACRISTÁN, 2005). Buscamos entender o bebê como participante da dinâmica da sociedade e de diversos espaços, integrando assim o “hibridismo do mundo social” (PROUT, 2010).

Logo, destacamos inicialmente dois conceitos relacionados ao tempo e à infância, quais sejam: o cotidiano e a rotina. A palavra cotidiano tem origem latina, *quot dies*, e significa, simultaneamente, um dia e todos os dias. Guarinello (2004) afirma que o cotidiano tem dois significados temporais complementares: o que acontece num tempo brevíssimo, em um dia, e o que acontece num tempo potencialmente longo, todos os dias. Já a palavra rotina tem origem francesa, derivada da palavra *rupta* (rota), que significa caminho utilizado normalmente; itinerário habitual.

A literatura no campo da Educação Infantil (BATISTA 1998, 2001; COUTINHO, 2002; BARBOSA, 2006) tem discutido como a ordem institucional da creche é impositiva às ações das crianças. Barbosa (2006, p. 37) primeiramente explica que o cotidiano se diferencia da rotina, pois “é nele que acontecem tanto as atividades repetitivas, rotineiras, triviais, como também é o *locus* onde há a possibilidade de encontrar o inesperado”. Já a rotina, para a autora (2006), seria a parte fixa do cotidiano, um produto cultural criado, produzido e reproduzido no dia a dia. Já para Batista (2001, p. 2), rotina é a:

estrutura entendida como sendo gerenciadora do tempo-espço da creche e, que, muitas vezes, obedece a uma lógica institucionalizada nos padrões da pedagogia escolar que se impõe sobre as crianças e sobre os adultos que vivem grande parte do tempo de suas vidas nesta instituição.

Coutinho (2002) chama atenção para os diversos mecanismos que a creche cria para conduzir as ações das crianças que, apesar de resistirem, acabam por ceder à interferência constante dos adultos. Todavia, a autora (2002, p. 78) expõe que a busca pela homogeneidade é rompida pelo imaginário das crianças que, “perante as ações constan-

tes, elas buscam ora a ruptura, ora a acomodação”; os desencontros entre os desejos, vontades e necessidades tornaria a educação uma intensa prova de resistência.

Argumentamos que estudar o cotidiano de bebês apresenta o potencial de superação de explicações do senso comum, que não raramente naturalizam as suas ações dentro de um quadro meramente biológico. De qualquer forma, recorrendo à Geertz (2003), também reconhecemos que as afirmações do senso comum são construções culturais estruturadas para parecer transparentes e óbvias. Pretendemos tratar o cotidiano para compreender as configurações contemporâneas da infância, mais especificamente da vida social dos bebês.

Desenho metodológico do estudo

A pesquisa foi desenvolvida com dois bebês, um menino e uma menina, da turma inicial de uma instituição pública de Educação Infantil - o Berçário I -, localizada em uma cidade de grande porte da região Centro-Oeste, e com seus respectivos responsáveis. O Berçário I atendeu 21 crianças no ano de 2013, sendo oito meninas e 13 meninos, com idade entre nove e 18 meses na data da primeira geração de dados, que ocorreu em setembro do mesmo ano. A seleção dos bebês da pesquisa seguiu o critério da menor idade, pois nos interessava contribuir para o preenchimento da lacuna de investigação com crianças pequenas. O estudo também incorporou como participante o responsável autodeclarado pela criança, que neste caso, foram as mães dos bebês Augusto e Clarice³.

Augusto, com 11 meses em setembro de 2013, frequentava a creche desde abril do mesmo ano. Morava com o pai, a mãe e a irmã em um bairro central da cidade. Isadora, mãe de Augusto, tinha 32 anos, possuía Ensino Superior completo, estava realizando curso de pós-

3 A pesquisa sofreu avaliação e obteve parecer favorável do Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Ciências Humanas, da Universidade de Brasília (CEP/IH/UnB). Para preservar a identidade dos participantes na pesquisa, exigência do mesmo Comitê, todos os nomes são fictícios.

-graduação e era bancária. Já Clarice, com 18 meses em setembro de 2013, frequentava a creche desde fevereiro do mesmo ano. Morava com o pai, a mãe e o irmão em uma região periférica da cidade. Carolina, mãe de Clarice, tinha 26 anos, possuía Ensino Fundamental incompleto e era empregada doméstica.

Para a geração de dados utilizamos uma abordagem mista: diários do uso do tempo, observações e entrevistas. De acordo com Harkness et al. (2006), o método de abordagem mista, especialmente a combinação de métodos derivados da psicologia e antropologia, tem permitido aos pesquisadores avançarem na compreensão dos múltiplos fatores envolvidos na infância e no desenvolvimento da criança em ambientes culturalmente diversos⁴. Esta abordagem pode ajudar os estudos sociológicos, isto porque:

os métodos derivados da tradição psicológica são essencialmente dedicados à medição das diferenças individuais (por exemplo, aspectos de temperamento), enquanto que os métodos antropológicos fornecem informações detalhadas, descrição sobre significados subjetivos e experiências atribuída àquelas variáveis. Juntas, estas abordagens fornecem uma imagem multifacetada das influências e processos envolvidos na regulação cultural do desenvolvimento da criança e, ao mesmo tempo, capta a coerência das crenças e práticas culturais de uma forma holística (HARKNESS et al., 2006, p.67).

Portanto, para a geração de dados foi utilizado o Diário do Uso do Tempo, que oportuniza uma interessante forma de geração de dados sobre o cotidiano dos indivíduos. O presente estudo construiu um

4 Os autores apresentam a potencialidade dessa abordagem no Estudo Internacional de Pais, Filhos, e Escolas, um projeto de pesquisa comparativo realizado em sete países: Austrália, Itália, Holanda, Polônia, Espanha Suécia e Estados Unidos. O objetivo era explorar várias estratégias culturais em relação à transição das crianças de casa para a escola. Os pais participaram de uma entrevista semiestruturada e preencheram diários no decorrer de uma semana com atividades diárias de seus filhos, informando também os locais e com quem estavam (HARKNESS et al., 2006).

diário inspirado no modelo proposto pelo *Harmonised European Time Use Surveys* – HETUS (EUROSTAT, 2004)⁵. No HETUS as atividades são registradas em um quadro com intervalos de tempo pré-definidos de 10, 15, 20 ou 30 minutos, de acordo com a pertinência para o estudo. Além deste instrumento, utilizamos como referência os diários utilizados nos estudos de Teixeira e Cruz (2006), que registram em um quadro a hora que começa e a hora que termina cada atividade. Dessa forma, elaboramos um diário de forma a captar as seguintes informações: atividade desenvolvida; hora de início e de fim de cada atividade; local; com quem a criança estava durante a atividade. Além disso, prevemos a escrita de observações complementares, que nos ajudaram a contextualizar as mais diferentes situações em relação ao bebê.

Os dados gerados relativos ao cotidiano dos dois bebês foram registrados em dois momentos diferentes. Um diário foi preenchido em um período de 24 horas de um dia da semana em que a criança esteve presente na creche; o outro foi preenchido em um período de 24 horas em um dia do final de semana. Ao escolhermos estes dois períodos tínhamos a intenção de obter uma descrição pormenorizada das atividades realizadas pelos bebês, durante 24 horas, tanto na família como na creche.

O registro de 24 horas durante o dia da semana foi realizado tanto pela mãe, enquanto a criança estava em casa, como pela equipe de pesquisa⁶, que acompanhou o bebê em suas atividades na creche. Assim, o registro das atividades realizadas no contexto familiar, tanto no dia da semana quanto no final de semana, foi realizado pelas mães. Dessa forma, as mães atuaram como coprodutoras dos dados.

5 Trata-se de um consórcio dos Institutos Nacionais de Estatística dos países da União Europeia que busca coordenar as pesquisas sobre o uso do tempo, para as tornar comparáveis. Fonte: <https://www.h2.scb.se/tus/tus/Default.htm>.

6 O presente artigo decorre de um estudo que estava conectado a um projeto maior, que acompanhou a turma do Berçário I durante todo o ano de 2013. Logo, estavam presentes na creche duas pesquisadoras, que produziram notas de campo e preencheram o diário do uso do tempo.

O registro na creche foi realizado de forma individualizada, com uma ida a campo em datas diferentes para cada uma das crianças. As crianças passavam cerca de 10 horas na instituição de Educação Infantil, das 07h20min às 17h20min. A rotina da turma estava estruturada da seguinte forma: 7h20min – início da entrada, 8h30min – café da manhã, 9h30min – banho e/ou troca de fraldas, 10h30min – almoço, 11h30min – momento para descanso, 13h – lanche, 15h30min – jantar, 17h30min – saída.

Consideramos que ao ser preenchido o campo “Atividade” do Diário do Uso do Tempo tanto as pesquisadoras como as mães realizaram um recorte da realidade e destacaram a informação principal da cena. De acordo com Goffman (2012a), em uma cena, os indivíduos reconhecem o objetivo principal para onde a atenção é focada, o que pode ser definido como atividade primária. Nesse sentido, considerando a coparticipação das mães na pesquisa, tentamos responder a uma das principais perguntas de Goffman (2012a, p. 31), qual seja: “O que está acontecendo aqui?”.

Assim, consideramos que cada uma das mães e pesquisadoras escolheram o recorte da cena, a partir da orientação de descrever detalhadamente as ações dos bebês. Cada uma se valeu de uma lente para olhar a cena e, logo, gerar o dado. Como afirma Nunes (1993, p. 40), “toda a produção da informação é uma forma de processar experiências, susceptíveis de serem reenquadradas”.

De forma complementar, foram realizadas entrevistas com as mães. As informações dos diários serviram como base para o roteiro de cada entrevista, que buscou superar uma limitação do próprio Diário do Uso do Tempo, qual seja: os sujeitos tendem a subestimar o tempo dedicado às atividades curtas relacionadas aos cuidados pessoais e aos contatos que são estabelecidos no decorrer das atividades, e omitem essas informações nos seus registros (LARSON; VERMA, 1999; CARVALHO; MACHADO, 2006). As entrevistas também ajudaram a conhecer as motivações das mães na organização do tempo dos bebês, e principalmente, entender quais critérios foram utilizados para produzir o recorte das atividades.

Ao contarmos com dois atores na produção de dados – pesquisadoras e mães – foi necessário considerar diversos elementos na análise. Destacamos alguns aspectos positivos dessa diversidade. O primeiro refere-se às mães, que são as melhores conhecedoras das rotinas de seus bebês. Garantimos assim que os dados gerados fossem gerados por quem os conhecia profundamente. Em segundo lugar, as famílias sentiram-se mais confortáveis em participar da pesquisa, pois não houve a presença de um *outsider* acompanhando sua rotina, o que poderia gerar algum tipo de inibição em suas ações. Em terceiro lugar, ao considerar as mães como coprodutoras dos dados, acessamos a forma como elas compreendem as atividades dos bebês na organização familiar. Ao escreverem os registros, elas produziram um recorte da realidade, ou seja, disponibilizaram não só informações sobre o uso do tempo, assim como inúmeras concepções a ele atreladas, tais como: qual atividade descrever ou omitir, o que é considerado uma atividade ou não do bebê.

Também encontramos certas fragilidades nessa abordagem, como o enviesamento dos dados pela alta carga de subjetividade, visto que se trata da relação entre mães e filhos. Contudo, já prevendo este aspecto atrelado à natureza da própria pesquisa, buscamos mitigá-lo ao conduzir as entrevistas, que sempre buscaram dar mais objetividade à leitura dos dados.

Uso do tempo em casa e na creche e regulações sociais do sono

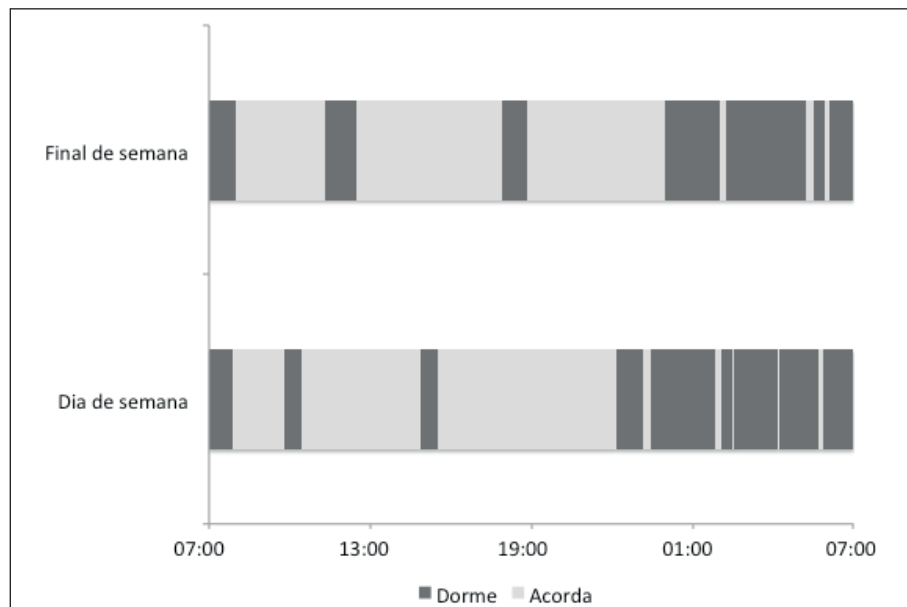
Ao analisar os dados gerados por meio dos Diários do Uso do Tempo e das entrevistas, fica evidente que o sono é a atividade que mais toma o tempo dos bebês, tanto no contexto familiar como no da creche. Owens (2004) explica que os determinantes biológicos e a cultura são fundamentais no estabelecimento de padrões de sono. Logo, observamos que até estudos do campo pediátrico têm prestado atenção a questões socioculturais envolvidas nesta atividade.

O presente artigo passa a considerar o sono como uma situação social. Nos termos de Goffman (2010), uma situação social ocorre quan-

do há copresença e monitoramento mútuo dos indivíduos. Interessamos aqui entender as razões socioculturais construídas em torno da ação do sono, dado o tempo significativo gasto com ela. Os dados das experiências dos bebês foram analisados por meio de quadros, termo que Goffman toma emprestado de George Bateson. Goffman (2012a) define quadro como o conjunto de princípios de organização que governam os acontecimentos sociais e o nosso envolvimento subjetivo neles. Nas palavras do autor:

Pressuponho que as definições de uma situação são elaboradas de acordo com os princípios de organização que governam os acontecimentos – pelo menos os sociais – e nosso envolvimento subjetivo neles; quadro é a palavra que uso para me referir a esses elementos básicos que sou capaz de identificar. Esta é a minha definição de quadro. Minha expressão “análise de quadros” é um slogan para referir-se ao exame, nesses termos, da organização da experiência (GOFFMAN, 2012a, p. 34, grifo do autor).

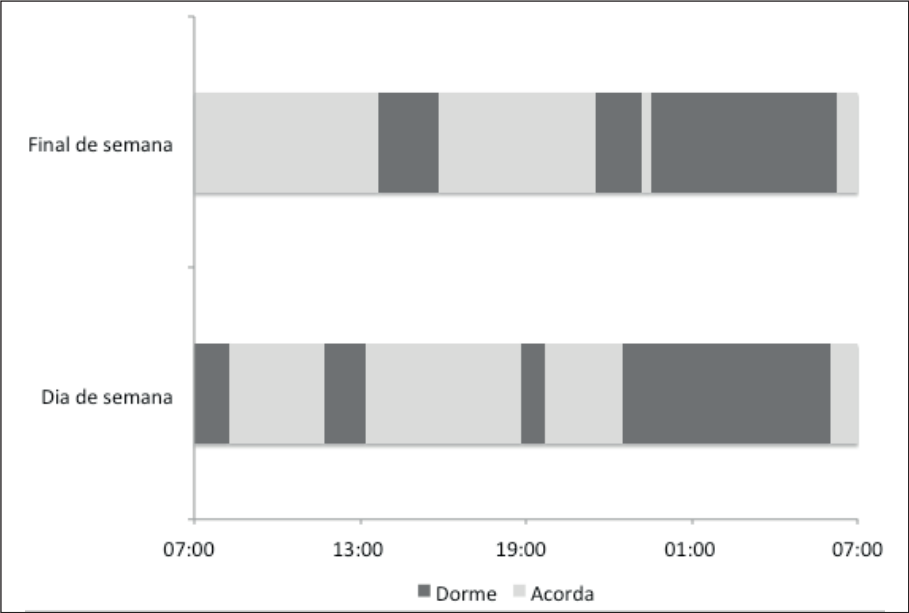
Os dados apresentados nos Diários do Uso do Tempo mostram que das 14h32min que Augusto esteve em casa, dormiu 8h53min; enquanto esteve na creche, dormiu 1h17min das 8h19min. Ou seja, dentro das 22h51min registradas no Diário do dia da semana, 10h10min referem-se ao sono do bebê. Ainda neste dia da semana, enquanto estava em casa, ele acordou seis vezes, e, por esse motivo, a mãe o acolheu para dormir no quarto dos pais. Nesse momento de sono do bebê, os pais aproveitaram para cortar as suas unhas. No período em que permaneceu na creche, ele dormiu em dois momentos diferentes do restante da turma. O momento de dormir, segundo a rotina da creche, é após o horário do almoço. Contudo, nesse dia, Augusto dormiu no meio da manhã e à tarde, períodos em que seus pares já estavam acordados. Em relação ao final de semana, das 23h44min registradas no Diário do Uso do Tempo, 09h36min foram utilizadas para o sono, sendo 7h29min para o sono da noite e 2h07min para o sono do dia. O sono de Augusto, durante a noite, foi interrompido três vezes devido a ruídos e à amamentação.

Gráfico 1 - Padrão de sono de Augusto

Fonte: Material empírico da pesquisa

Das 14h30min que passou com a família, Clarice dormiu 8h20min. Já na creche, Clarice dormiu 1h31min das 9h09min que lá permaneceu. Ela dormiu no momento estipulado pela rotina da instituição com alguma dificuldade, pois estava sem a sua chupeta. A mãe não levou a chupeta para a creche, pois Clarice estava com um machucado na boca e o pediatra recomendou que esta não fosse utilizada. Ela passou cerca de 30min interagindo com a professora até conseguir uma chupeta. A professora acabou encontrando uma chupeta que parecia com a dela, o que a fez dormir. No Diário de Clarice do dia da semana, a mãe informou que a menina dormiu no ônibus na volta da creche para casa, cerca de 40 minutos. Portanto, dentro das 23h39min registradas no Diário do Uso do Tempo do dia da semana, 9h51min foram destinadas ao sono. Em relação ao final de semana, Clarice dormiu um período de 10h22min das 21h02min registradas, caracterizado por um descanso no começo da tarde, após o almoço, que durou 2h10min; à noite ela adormeceu às 21h30min e dormiu por 8h30min, acordando em um momento da noite para mamar.

Gráfico 2 - Padrão de sono de Clarice



Fonte: Material empírico da pesquisa

Para a situação social caracterizada pelo sono, observamos que os dois bebês usaram aproximadamente a mesma quantidade de tempo quando estavam na creche, com a diferença de que Augusto dormiu em dois momentos, enquanto Clarice dormiu apenas em um. Já com relação ao sono em casa, a similaridade se mantém no dia da semana, mas há uma diferença de aproximadamente 50 minutos entre os bebês no final de semana. Ambos os bebês costumam dormir durante os deslocamentos feitos em veículos automotivos.

Ao categorizar os dados, buscamos definir o ponto central de cada situação descrita no Diário do Uso do Tempo. Utilizamos alguns esquemas fundamentais de compreensão para explorar a atividade em que cada bebê estava envolvido. De acordo com Goffman (2012a), quando envolvidos em uma situação, os indivíduos tendem a usar os esquemas de interpretação, permitindo assim que reconheçam o acontecimento e escolham o comportamento a ser adotado. Como afirmam Mendonça e Simões (2012, p. 189, grifo dos autores): “São esses princípios conformadores dos quadros que permitem a *definição*

da situação pelos sujeitos”. Assim, devemos buscar compreender na situação em que os bebês se inserem qual o quadro que os envolve e “qual o posicionamento que se deve adotar perante ele” (MENDONÇA; SIMÕES, 2012, p. 189).

Nas situações há uma série de rituais adotados, permitindo que os bebês reconheçam qual o comportamento deles esperado. Quando estão na creche, eles percebem que o momento para o descanso é após o almoço. Isto porque a situação é definida a partir de um cenário: as luzes são apagadas; os adultos falam mais baixo ou entoam canções de ninar, balançam os bebês, e ligam os ventiladores. Para Coutinho (2002), o sono é o momento da rotina da creche em que a ritualização aparece de forma mais intensa.

Já em casa, os pais relatam que gastam tempo para fazer os bebês dormirem. O sono de Augusto, geralmente, é precedido da amamentação. Esse recurso também é utilizado nos momentos em que ele acorda no decorrer da noite, quando a mãe oferece leite para que volte a dormir. Além disso, em casa, ele conta com um paninho e uma chupeta para o sono. No caso de Clarice a amamentação também compõe o ritual de dormir e a mãe permanece em torno de 10 a 30 minutos na companhia da menina para que ela durma.

A importância da rotina do sono já aparece nos manuais clássicos de cuidados com bebês. “The Pocket Book of Baby and Child Care”, de Benjamin M. Spock, que teve sua primeira publicação em 1946, e “A Vida do Bebê”, de Rinaldo De Lamare, publicado originalmente em 1941, são manuais de puericultura amplamente conhecidos e comercializados no Brasil até os dias atuais. Apresentam uma concepção tão geral do desenvolvimento de bebês que acabou por transformar a diversidade em padronização.

Dr. Spock (1946) explica que o total gasto com o sono do bebê até dois anos deve ser decidido por ele próprio. Se até os 18 meses duas sonecas são previstas ao dia, além do sono da noite, dos 18 aos 24 meses a tendência seria a eliminação de uma delas. O autor sugere métodos e técnicas para a facilitação do sono, dentre eles: a presença de bonecos e bichos de pelúcia no berço; o condicionamento do sono

após as refeições; o controle da luminosidade. Dentro da mesma perspectiva, De Lamare (2009) aconselha os pais, no caso dos bebês que dormem pouco, a reorganizar o ambiente do recém-nascido, favorecendo assim o silêncio e a penumbra. Ainda adverte:

os bebês que dormem pouco, convém toda cautela, pois trata-se de bebês nervosos, excitados, necessitando de disciplina por parte dos pais, que não devem tomá-los ao colo por qualquer motivo. Os pais que não possuírem força de vontade correm o risco de ficar acordados a noite toda (DE LAMARE, 2009, p. 153).

A legitimação dos manuais de puericultura encontra lugar no universo simbólico, que é a “matriz de todos os significados socialmente objetivados e subjetivamente reais” (BERGER; LUCKMANN, 2003, p. 132). O universo simbólico ordena e legitima os papéis cotidianos, logo, parece que as técnicas que envolvem o sono de bebês vêm ao encontro de uma tipificação construída na realidade social, no senso comum, sobre as dificuldades de pais, mães e demais educadores/as nestes momentos do cotidiano do bebê. Por sua vez, o cotidiano do bebê, que compreende o sono como uma das suas principais atividades, justifica estas práticas nas instituições sociais família e creche.

O cenário organizado pelos adultos permite que os bebês saibam qual o comportamento deles esperado em cada situação, ou seja, o *ethos*, nos termos de Goffman (2010). Segundo o autor (2010, p. 29), cada ocasião possui um “*ethos* distintivo, um espírito, uma estrutura emocional que precisa ser criada, mantida e desfeita apropriadamente”. Goffman (2012b) ainda afirma que a delimitação temporal dos episódios está estreitamente associada às modalidades da ancoragem da atividade que a caracteriza, isto é, as condições que permitem fixar ou situar a atividade fornecem os recursos materiais, humanos e simbólicos que tornam a situação viável e identificável para os participantes.

Observando os quadros que caracterizam a situação social do sono de Augusto na creche, nota-se que há uma ruptura com a rotina da instituição. Ele dormiu antes do almoço e enquanto a maioria das

crianças já estava acordada. Ele adormeceu na sala de atividades e não na sala de berços, então seu sono foi interrompido em um primeiro momento por outro bebê e depois por um adulto. Também na creche, Clarice dormia todos os dias com sua chupeta, contudo, devido a uma recomendação médica, a mãe não levou o artefato para a instituição, o que levou a professora a negociar cerca de 30min com a menina para que ela dormisse.

Igualmente, em casa, identificamos rupturas introduzidas pelos bebês na rotina organizada pelos adultos. No diário de ambas as crianças as mães relatam que elas dormem em momentos não previstos para tal, por exemplo, durante os deslocamentos de carro ou de ônibus. Esses momentos de sono não são planejados pelos adultos, no entanto, devido à recursividade dessa ação, os pais passam a esperar por esse comportamento, tornando-se uma rotina estabelecida pelos próprios bebês.

Sob a perspectiva de Goffman, podemos analisar esse quadro como uma fuga ao papel esperado, mas que, ao final, possibilita novas construções e relações entre os indivíduos, dando dinamicidade, renovação e redefinindo comportamentos esperados. Nesse sentido, Coutinho (2010, p. 100) afirma que a recursividade dada pela rotina “revela um domínio da ação e a possibilidade de sua alteração e da alteração da estrutura à medida que esse tempo é vivido”. Guimarães (2011) corrobora esta ideia e afirma que a dimensão rotineira, o que é realizado todos os dias, permite a emergência do novo, do diferente. O reconhecimento da alteridade das crianças e a identificação de momentos que superam o ritmo homogêneo imposto a elas fornecem os elementos necessários para a alteração da rotina.

Nesse sentido, a análise dos dados nos permite questionar se o sono segue somente o ritmo biológico. Gottlieb (2012, p. 324) demonstra como comportamentos de bebês entendidos como biológicos podem “revelar dados culturalmente ricos”. Para o padrão euroamericano, promover o sono do bebê em espaços independentes é baseado na ideia de que o indivíduo deve construir sua própria trajetória. Todavia, como mostra a autora mencionada, as mães da sociedade Beng da Costa do

Marfim costumam dormir abraçadas aos seus bebês, pois acreditam que os recém-nascidos vivem a maior parte do tempo no mundo dos espíritos – no *Wrugbe*. Por meio do contato corporal, as mães Beng tentam demonstrar aos bebês que o mundo real é convidativo e hospitaleiro.

O presente artigo mostra que as regulações sociais determinaram, em grande parte, o tempo das situações as quais os bebês participaram. Reiteramos a importância de se incorporar à análise do sono um conjunto de negociações, contextos, sujeitos envolvidos e interações que definem o uso do tempo de bebês nas situações sociais. Nos Diários de Uso do Tempo de ambos os bebês, o que definiu o tempo foram as interações estabelecidas dos bebês com seus pares e com adultos no decorrer das 24 horas.

Ao compararmos as situações de sono entre o dia da semana e as do final de semana, podemos afirmar que, nesse caso, elas já fazem parte das experiências socioculturais e não apenas biológicas das crianças. A creche recomendava que os pais tentassem manter a mesma rotina de horários da instituição. Ainda que os pais tentassem manter os mesmos horários em que a situação do sono ocorria na creche, nem sempre conseguiam devido à imprevisibilidade das situações familiares que podiam ocorrer durante um dia.

Coutinho (2010) afirma que o bebê, desde muito cedo, apresenta manifestações que são elaboradas a partir das suas experiências socioculturais, o que supera reações corpóreas meramente instintivas. Nessa mesma linha, Goffman (2012b) define a natureza humana como um conjunto de regras morais impressas no indivíduo por meio dos encontros sociais, isto é:

A natureza humana universal não é uma coisa muito humana. Ao adquiri-la a pessoa torna-se uma espécie de construto, criada não a partir de propensões psíquicas internas, mas de regras morais que são carimbadas nela externamente. Essas regras, quando seguidas, determinam a avaliação que ela fará sobre si mesma e sobre seus colegas participantes no encontro, a distribuição de seus sentimentos, e os tipos de práticas que ela

empregará para manter um tipo especificado e obrigatório de equilíbrio ritual. A capacidade geral de ser limitado por regras morais pode muito bem pertencer ao indivíduo, mas o conjunto particular de regras que o transforma num ser humano é derivado de requerimentos estabelecidos na organização ritual de encontros sociais (GOFFMAN, 2012b, p. 49).

Observamos que a organização do tempo responde muito mais a uma demanda dos adultos do que das crianças. Todavia, as situações sociais destacadas nesse artigo demonstram que uma série de fatores contribuem para a configuração, bem como influenciam o uso e a quantidade, de tempo. A principal delas é a própria interação dos bebês com pares e com adultos.

Considerações finais

Percebemos que bebês participam de uma série de situações sociais a partir de interações estabelecidas. A dinâmica interacional, as necessidades dos bebês, a estruturação do tempo e a ordem social estabelecida definem o maior ou menor enquadramento deles nas situações vivenciadas. Bebês são capazes de identificar os comportamentos esperados deles nas diferentes situações sociais. Dentro das atividades vivenciadas por eles na creche e na família, destacamos o sono como atividade comum e recursiva nesses dois contextos sociais.

Ao compararmos o tempo dedicado ao sono por ambos os bebês, observamos que as atividades definidas como necessidades biológicas são também reguladas socialmente. Como Cuche (1999) afirma, nada é natural nos seres humanos, já que as necessidades fisiológicas são continuamente informadas pela cultura. Assim, atividades como o sono e a alimentação são realizadas de acordo com o comportamento estabelecido em cada sociedade. Nesse sentido, para o autor, quando se solicita de alguém um comportamento natural está se solicitando que o indivíduo “Aja de acordo com o modelo da cultura que lhe foi transmitido” (CUCHE, 1999, p. 11).

Destacamos que cada uma das situações vivenciadas pelos bebês foi marcada por um *ethos* que permitiu que eles se localizassem no tempo e no espaço, compreendendo assim qual era o comportamento deles esperado. Percebemos que nas situações os bebês se apropriaram das informações e demandaram ações diferentes dos envolvidos. Em casa, a organização do tempo seguiu tanto as necessidades do bebê quanto a organização social da família. As situações que ocorreram na família possuíam um enredo pré-definido, o que, contudo, não significa que essa organização fosse rígida e totalmente seguida. As famílias tentaram estruturar os tempos para os bebês, mas a rotina foi construída por todos os membros. As atividades dos bebês mostraram-se parte importante da organização do tempo familiar. Já na creche houve uma estruturação mais rígida do tempo e do espaço. O modelo adotado para a organização de um considerável número de crianças por turma – organizadas de forma seriada, já que as crianças de cada turma possuem a mesma faixa etária – impôs uma estruturação padronizada do cotidiano. A rotina da instituição previa as mesmas atividades para todos os bebês ao mesmo tempo.

Assim, nota-se que apesar de mudanças nas concepções de infância e de criança apresentadas por meio de um novo paradigma (PROUT; JAMES, 1997), reconhecemos que diferentes perspectivas coexistem e permeiam pedagogias voltadas aos bebês. A concepção de que bebês respondem aos instintos biológicos ainda é tomada como justificativa para a organização de rotinas nas instituições de Educação Infantil, especialmente na creche, e fazem parte do imaginário dos pais quanto aos comportamentos “adequados” para cada ação das crianças a depender de sua idade.

Referências

AGUIAR, Neuma F. de. (2010), Metodologias para o levantamento do uso do tempo na vida cotidiana no Brasil. *Revista Econômica*, Rio de Janeiro, v. 12, n. 1, p. 64-82.

BARBOSA, Maria Carmem S. (2006), *Por Amor e por força: rotinas na Educação Infantil*. Porto Alegre: Artmed.

BATISTA, Rosa. (2001), “A rotina da creche: entre o proposto e o vivido”. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 24, Caxambu. *Anais...* Caxambu. p. 1-16.

_____. (1998), *A rotina no dia-a-dia da creche: entre o proposto e o vivido*. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

BEN-ARIEH, Asher; OFIR, Anat. (2002), “Opinion, dialogue, review. Time for (more) Time-Use studies: studying the daily activities of children”. *Childhood*, London, v. 9, n. 2, p. 225-248.

BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. (2003), *A construção social da realidade: tratado de Sociologia do Conhecimento*. Petrópolis: Vozes.

BONDIOLI, Anna (Org.). (2004), *O tempo no cotidiano infantil: perspectivas de pesquisa e estudo de casos*. São Paulo: Cortez.

BRANDÃO, Zaia. (2001), “A dialética micro/macro na Sociologia da Educação”. *Cadernos de Pesquisa* (Fundação Carlos Chagas), São Paulo, n. 113, p. 153-165.

CARVALHO, Marie Jane S.; MACHADO, Juliana B. (2006), “Análise dos usos do tempo entre crianças acerca das relações de gênero e de classe social”. *Currículo sem Fronteiras*, Porto Alegre, v. 6, n. 1, p. 70-81.

CHRISTENSEN, Pia. (2002), “Why More ‘Quality Time’ is not on the Top of Children’s Lists: the ‘Qualities of Time’ for Children”. *Children & Society*, London, v.16, p. 77-88.

CHRISTENSEN, Pia; JAMES, Allison. (2008), “Childhood Diversity and Commonality: some methodological insights”. In: _____. (Eds.). *Research with children: perspectives and practices*. London: Routledge. p. 156-172.

CORSARO, Willian A. (2011). *Sociologia da Infância*. Porto Alegre: Artmed.

COUTINHO, Angela Maria S. (2002), *As crianças no interior da creche: a educação e o cuidado nos momentos de sono, higiene e alimentação*. 2002. Dissertação (Mestrado em Educação) – UFSC, Florianópolis.

_____. (2010). *A ação social dos bebês: um estudo etnográfico no contexto da creche*. Tese (Doutorado em Estudos da Criança Especialidade em Sociologia da Infância) – Universidade do Minho, Braga.

CRAIG, Lyan. (2014), “Time-Use Studies”. In: MELTON, G. B.; BEN-ARIEH, A.; CASHMORE, J.; GOODMAN, G. S.; WORLEY, N. K.(Eds.). *The Sage Handbook of Child Research*. e-book. London: Sage.

CUCHE, Denys. (1999), *A noção de cultura nas Ciências Sociais*. Bauru: EDUSC.

- DE LAMARE, Rinaldo. (2009), *A vida do bebê*. 42. ed. Rio de Janeiro: Agir.
- EUROSTAT. (2004), *Guidelines on Harmonised European Time Use surveys*. Luxemburgo: Luxemburgo.
- EVANS-PRITCHARD, Edward E. (1978), *Os Nuer*. São Paulo: Perspectiva.
- FAEDI, Giovanni. "Introdução". In: BONDIOLI, Anna. (Org.). (2004). *O tempo no cotidiano infantil: perspectivas de pesquisa e estudo de casos*. São Paulo: Cortez. p. 11-13.
- GEERTZ, Clifford. (2003), *Saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa*. 6. ed. Petrópolis: Vozes.
- GOFFMAN, Erving. (2010), *Comportamentos em lugares públicos: notas sobre a organização social dos ajuntamentos*. Petrópolis: Vozes.
- _____. (2012a), *Os quadros da experiência social: uma perspectiva de análise*. Petrópolis: Vozes.
- _____. (2012b), *Ritual de interação: ensaios sobre o comportamento face a face*. 2. ed. Petrópolis: Vozes.
- GOTTLIEB, Alma. (2012), *Tudo começa na outra vida: a cultura dos recém-nascidos no Oeste da África*. São Paulo: FAP-Unifesp.
- GUARINELLO, Noberto Luiz. (2004), "História científica, história contemporânea e história cotidiana". *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 24, n. 48, p. 13-38.
- GUIMARÃES, Daniela. (2011), *Relações entre adultos e bebês na creche: o cuidado como ética*. São Paulo: Cortez.
- HARKNESS, Sara *et al.* (2006), "Mixed methods in international collaborative research: The experiences of the international study of parents, children, and schools". *Cross-Cultural Research*, v. 40, n.1, p. 65-82.
- KENNEDY, David; KOHAN, Walter Omar. (2008), "Aión, Kairós and Chrónos: Fragments of an Endless Conversation on Childhood, Philosophy and Education". *Childhood & Philosophy*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 8, p. 5-22.
- KOHAN, Walter Omar. (2004), "A infância da educação: o conceito devir-criança". In: _____. *Lugares da infância: filosofia*. Rio de Janeiro: DP&A. p. 51-67.
- LARSON, Reed W.; VERMA, Suman. (1999), "How children and adolescents spend time across the world: work, play, and developmental opportunities". *Psychological bulletin*, Champaign, v. 125, n. 6, p. 701-36.
- MENDONÇA, Ricardo Fabrino; SIMÕES, Paula Guimarães. (2012), "Enquadramento: diferentes operacionalizações analíticas de um conceito". *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. São Paulo, v. 27, p. 187-201.

MINKOFF, Yael; RILEY, Jillian. (2011), “Perspectives of Time-Use: exploring the use of drawings, interviews and rating-scales with children aged 6-7 years”. *Journal of Occupational Science*, London, v. 18, n. 4, p. 306–321.

NUNES, Brasilmar F. (2003), *Sociedade e infância no Brasil*. Brasília: Editora Universidade de Brasília.

NUNES, João Arriscado. (1993), “Erving Goffman, a análise de quadros e a Sociologia da Vida Quotidiana”. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, Coimbra, n. 37, p. 33-49.

OBSERVATÓRIO do PNE. (2015), *Indicadores da Educação Infantil*. Disponível em: <<http://www.observatoriodopne.org.br/metas-pne/1-educacao-infantil/indicadores>>. Acesso em 29 de julho de 2015.

OWENS, Judith A. (2004), “Sleep in children: cross-cultural perspectives”. *Sleep and Biological Rhythms*, v. 2, p. 165-173.

PERRENOUD, Philippe. (1995), *Ofício de aluno e sentido do trabalho escolar*. Porto: Porto Editora.

PROUT, Alan; JAMES, Allison. (1997), “A new paradigm for the sociology of childhood? Provenance, promise and problems”. In: JAMES, A.; PROUT, A. *Constructing and reconstructing childhood*. London: Falmer Press. p. 7-33.

PROUT, Alan. (2010), “Reconsiderando a nova sociologia da infância”. *Cadernos de Pesquisa*. São Paulo, v. 40, n. 141.

SACRISTÁN, José Gimeno. (2005), *O aluno como invenção*. Porto Alegre: Artmed.

SARMENTO, Manuel Jacinto. (2000), “O Ofício de Criança”. In: CONGRESSO INTERNACIONAL, 2, 2000, Braga. *Anais do II do Congresso Internacional: os mundos sociais e culturais da infância*. Braga; Universidade do Minho. p. 125-145.

SPOCK, Benjamin McLane. (1946), *The Pocket Book of Baby and Child Care*. New York: Pocket Books/Rockefeller Center.

TEIXEIRA, Vitor; CRUZ, Orlanda. (2006), “O uso do tempo das crianças: um estudo comparativo entre 1999 e 2006”. In: CONGRESSO INTERNACIONAL EM ESTUDOS DA CRIANÇA, 1, Braga. *Anais ... Braga*. p. 1-20.

VOGLER, Pia; MORROW, Virginia; WOODHEAD, Martin. (2009), *Conceptualising and measuring children's time use: a technical review for young Lives*. Oxford: Young Lives.

